

O método e o contributo marxista anticolonial de Mahdi Amel

MOARA ASSIS CRIVELENTE

RESENHA: AMEL, Mahdi. **Arab Marxism and National Liberation:** Selected Writings of Mahdi Amel. Hicham Safieddine (Org.). Angela Giordani (Trad.). Chicago: Haymarket Books, 2021. 132 pp.

Mahdi Amel é o pseudônimo de Hassan Hamdan, intelectual libanês nascido em 1936, durante a dominação franco-britânica do Levante e o Mandato de cariz colonial com que a França controlou o Líbano e a Síria, sob o beneplácito da Liga das Nações (1920-1943) (El Baba, 2024). Dirigente do Partido Comunista Libanês e Professor na Universidade Libanesa, Amel foi assassinado aos 51 anos em Beirute, em 1987, durante a guerra civil, de contornos geopolíticos regionais e globais (1975-1990). Deixou contributos político-teóricos que lhe valeram a alcunha de “o Gramsci árabe” (Prashad, 2014), embora tais alusões, por mais enaltecedoras, possam retirar ao homenageado a sua luz própria e os seus matizes. O papel do seu próprio partido e das demais forças com que se aliou, como a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), tem grande relevo nas dinâmicas daquela época e de eventos recentes, como a invasão do Líbano por Israel em 1978, 1982 e 2006, assim como as renovadas agressões contra o país e o genocídio do povo palestino que Israel perpetra em 2024-2025.

MOARA ASSIS CRIVELENTE

Doutora em Relações Internacionais - Política Internacional e Resolução de Conflitos pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra; pesquisadora pós-doutoral no Centro de Estudos Sociais (CES), Portugal; integrante do Conselho Consultivo da Fundação Maurício Grabois e da Direção Executiva do Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz (Cebrapaz).
E-mail: moaracriveleante@ces.uc.pt

Hicham Safieddine, professor de História do Oriente Médio na Universidade de British Columbia, empreendeu o valioso trabalho de editar uma coleção de textos de Amel para a tradução para o inglês por Angela Giordani, Historiadora intelectual do mundo moderno de idioma árabe. Há muito deslize

de tradução notado já durante o tempo de Marx e Engels – como do conceito de sociedade civil, ou burguesa, que Engels comenta em carta a Marx – e que embaralha as categorias. O trabalho de Giordani parece impecável e a escrita de Amel ficou traduzida de forma coerente e clara, mesmo em trechos complexos, com raras dúvidas pessoais a apontar. Tendo por tempos apenas tido contato com os escritos de Amel através de estudos de outros autores, pensei logo na tradução da coleção do árabe para o português, por quem esteja familiarizado(a) com a teoria e os debates marxistas, para termos uma interpretação direta. Destarte, fica lançado o desafio.

A escrita de Amel é bastante abrangente e complexa, mas detalhada e pedagógica acerca do método e da forma. Neste sentido, é uma fonte excelente para quem realiza estudos com base sólida na dialética teoria-prática. A razão de ser desta resenha é, portanto, a de chamar a atenção dos estudantes, pesquisadores e orientadores para esta breve, mas tão bem composta obra, num esforço crescente de promoção e aprofundamento das abordagens marxistas às Relações Internacionais.

O livro editado por Safieddine é dividido em duas partes. A primeira tem dois breves textos de autoria do editor, um que introduz o pensamento de Amel, intitulado “O Intelectual Anticolonial”, e outro sobre a sua biografia, intitulado “O Intelectual Mártir”.¹ A segunda parte reúne seis textos de Amel de grande importância para o estudo tanto do método marxista quanto dos diversos temas abordados. Os dois primeiros desta parte teorizam o subdesenvolvimento a partir do colonialismo, em textos de 1968 e 1972. O terceiro é um excerto do livro de Amel intitulado “Sobre o Estado Sectário”, publicado em 1986. O quarto é uma breve e contundente resposta publicada em 1985 à crítica de Edward Said a Marx e aos marxistas em *Orientalismo*, de 1981. O quinto, “A Tendência Burguesa Islamizada”, é o trecho de um livro de 1988, e o sexto discute “O Problema do Patrimônio Cultural”, trecho do livro intitulado “Uma Crise da Civilização Árabe ou uma Crise das Burguesias Árabes”, de 1974. Sem subtrair interesse aos demais textos,

¹ Todas as traduções para o português são da autora desta resenha.

também ricos em método e crítica, esta resenha centra-se nos dois primeiros, que são de grande importância para a compreensão do método proposto por Amel e trazem teses de imensa relevância para as relações internacionais.

Nestes textos, o objetivo de Amel é produzir uma teoria marxista do subdesenvolvimento, mas avançar para além da mera constatação deste fato e demonstrar o problema com vista a abolir as suas causas – especificamente identificadas no colonialismo e no capitalismo. A sua questão de partida é por que é que o colonialismo é a causa do subdesenvolvimento, *quais são as modalidades* desta ligação estrutural, *o tipo específico de causalidade* ligando o subdesenvolvimento ao colonialismo. Portanto, o seu ponto de partida e a maior riqueza do seu contributo nesta obra, para a política internacional é, ao meu ver, a sua formulação sobre a *relação colonial*, com ênfase sobre o caráter dialético da concepção desta relação, que deve ser, portanto, historicizada.

No primeiro, Amel diz adotar a “perspectiva do colonialismo”, ainda que, para ele, Marx abordasse o colonialismo apenas “incidentalmente, [nomeadamente], como um [passo] necessário no seu estudo do capitalismo” (Amel, 2021, p. 21). Mas o objetivo de Amel não é discutir o capitalismo, e sim o subdesenvolvimento. Mesmo assim, engajando a teoria leninista do imperialismo, Amel discute como o capitalismo expandiu-se à escala mundial e o seu efeito sobre a suspensão do movimento histórico de cada país colonizado, causando a transformação das suas estruturas (p. 23). Nas suas palavras, esta transformação é “uma mudança na trajetória do seu desenvolvimento e um desvio para longe do horizonte do seu [próprio] devir.” Com as guerras de libertação nacional, diz Amel, “os povos colonizados adentraram o campo da história, ao invés de continuarem sendo um campo da sua ação”, mas ao mesmo tempo, “tornou-se impossível isolar a trajetória do devir do capitalismo e a dos países liberados” (p. 24). Assim aparece a “relação colonial”, uma de “dependência econômica total”. Neste ponto e na sua extensão, ou seja, na tese de que “a unidade histórica do mundo é tanto o ponto inicial quanto o produto desta relação” (p. 25), Amel cita Marx para demonstrar o alinhamento da sua teoria. No passo em que afirma que a relação colonial é uma relação de

produção, Amel diz-se inspirado pela tese parafraseada de Marx de que “o comércio exterior, na sua forma colonial, contribui para o desenvolvimento do modo capitalista de produção” (p. 29). Logo, enquanto revolucionário anticolonial, Amel afirma que

a unidade estrutural e histórica da produção colonial e capitalista tornam o desenvolvimento da primeira como produção colonial tanto uma condição básica quanto um produto da última, e vice-versa. Não há curso para o desenvolvimento de qualquer delas fora desta relação com a outra, e cortar esta relação entre elas é a primeira condição necessária para transcender, ou seja, destruir ambas [itálico original] (p. 28).

Mas um horizonte emancipatório tem de estar à vista. Portanto, a súpula é a seguinte:

A transcendência da produção colonial e capitalista ocorre necessariamente com o corte da relação colonial. Em outras palavras, a transição para o socialismo, seja em países ‘subdesenvolvidos’ ou capitalistas, acontece inevitavelmente com o rompimento dessa relação, ou seja, revoltando-se contra ela. A revolução contra o colonialismo é o único caminho para liberar a história humana [itálico original] (p. 30).

Aqui, um dos contributos de Amel é o de, enquanto intelectual revolucionário, demonstrar o compromisso de um marxista anticolonial com a teoria e a prática emancipatória, ou seja, com a capacidade humana de se conscientizar das determinações históricas e de, com método, combatê-las.

Mas no segundo texto, de 1972, Amel ainda discute o “modo de produção colonial” como mais um contributo concreto para a compreensão daquela relação. O autor diz que o conceito de Lenin sobre a coexistência de múltiplos modos de produção na Rússia czarista e nas suas colônias asiáticas, com o capitalista atuando como dominante, “reflete a realidade histórica da estrutura colonial complexa que [esse conceito] descreve” (pp. 48-49). Amel busca desenvolver a concepção proposta por Lenin para compreender que estrutura social se materializa nesta situação, ligando ao seu desenvolvimento e à sua superação a consciência

de classe. À semelhança de outros intelectuais anticoloniais, como Franz Fanon, Amel extrapola fronteiras ao discutir a ligação entre a questão de classe e a unidade nacional nos movimentos de libertação sob o entendimento de que “a luta política é necessariamente um ato unificador”, identificando o colonialismo como inimigo de classe comum às distintas “classes de trabalhadores” aparentemente fragmentadas na luta econômica (p. 50). O seu estudo então novamente desemboca em teses revolucionárias que merecem citação, como a seguinte:

A revolução socialista nesses países [colonizados] é, portanto, tanto uma revolução contra esse modo [de produção colonial] e um resultado do seu desenvolvimento histórico. Ou seja, é uma revolução libertadora contra a existência colonial. As condições históricas para a cristalização desse conceito como uma ferramenta teórica para a compreensão da estrutura do ‘subdesenvolvimento’ emergiu junto com a onda revolucionária do movimento de libertação nacional. É por isso que o conceito de um modo de produção colonial não emergiu na fase colonial desse movimento (p. 51-52).

Para completar o círculo da *práxis*, o autor diz que enquanto a fase revolucionária “dá a base científica e legítima” a hipótese, o trabalho de Marx fornece “a base teórica geral” (p. 52). Amel não teve receio de afirmar categoricamente a correção do desenvolvimento da sua teoria *enquanto* marxista e apelar por uma “revolução metodológica” na empreitada de se compreender a realidade colonial e os seus desdobramentos históricos, entre outros fenômenos estruturantes da sua sociedade. Isto mesmo quando o Marxismo seria acusado de um Eurocentrismo incapacitante ou mesmo contraditório, para os povos do “Oriente”, como diria um dos fundadores do pós-colonialismo, Edward Said, entre outros pensadores depois, como Boaventura de Sousa Santos (2016). E antes mesmo de serem publicadas partes inéditas da obra de Marx sobre o colonialismo, questões de gênero e a resistência anticolonial na Índia, na América Latina, na Argélia, por exemplo, conforme analisado por Aijaz Ahmad (2015), Mike Davis (2015), Kevin Anderson (2019[2010], 2025), entre outros, no que alguns

denominam o “Marx tardio”. Amel teria tido acesso à edição francesa do *Capital* de 1872, em que Marx aprofundou a sua análise sobre colonialismo e progresso histórico,² mas há ainda grande ênfase em textos anteriores como os *Grundrisse*, em que Marx também lançava teses para o estudo aqui pincelado. Tais escritos colocam ainda em questão a perspectiva de uma ruptura epistemológica em Marx, como aponta Ahmad (2015, p. 200) e bem ilustra o diálogo prolífico estabelecido na teorização de Amel.

A posição de Amel é, assim, notável por estas e outras contribuições. Ilumina o que não devia surpreender, que é a capacidade dos povos não europeus de pensar por si próprios e dos marxistas não ocidentais de desenvolver análises sobre a sua própria realidade, para construir a sua própria estratégia emancipatória. Mas muito mais do que um olhar etnográfico sobre o autor e o seu pensamento, e sem incorrer na essencialização do que ele representa, é preciso incluir esta valiosa coleção no nosso arcabouço teórico acerca dos fenômenos sociais e políticos de interesse para os marxistas e para quaisquer outras pessoas críticas das dinâmicas de exploração e opressão que estruturam o sistema internacional capitalista.

REFERÊNCIAS

AHMAD, Aijaz. Karl Marx, “Global Theorist”. **Dialect Anthropol**, v. 39, p. 199–209, jun. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10624-015-9382-5>>. Acesso em: 15 junho de 2025.

ANDERSON, Kevin. **Marx nas Margens**: Nacionalismo, Etnias e Sociedades Não Ocidentais. Allan M. Hillani e Pedro Davoglio (Trad.). São Paulo: Boitempo, 2019.

ANDERSON, Kevin. **The Late Marx’s Revolutionary Roads**: Colonialism, Gender, and Indigenous Communism. Londres: Verso, 2025.

DAVIS, Mike. Marx’s Lost Theory. **New Left Review**, v. 93, n. 2, p. 45–66, mai/jun. 2015. Disponível em: <<https://newleftreview.org/issues/ii93/>>

2 Sobre a edição francesa do *Capital*, ver, por exemplo, a obra editada por Marcello Musto (2022).

articles/mike-davis-marx-s-lost-theory>. Acesso em: 15 jun. 2025.

EL BABA, Judy. Roots of Lebanon's Sectarian Politics: Colonial Legacies of the French Mandate. **Politikon**: The IAPSS Journal of Political Science, v. 58, p. 26-49, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.22151/politikon.58.2>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

MUSTO, Marcello. **Marx and Le Capital**: Evaluation, History, Reception. Londres: Routledge, 2022.

PRASHAD, Vijay. The Arab Gramsci. **Frontline**, 5 mar. 2014. Disponível em: <<https://frontline.thehindu.com/world-affairs/the-arab-gramsci/article23581931.ece>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Aula Magistral: É possível descolonizar o Marxismo? Capitalismo, colonialismo e patriarcado. **Youtube**: Alice CES, 1 abr. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/VZzA-6ZYPLM?si=bTH7uu_3ByAFq2Ei>. Acesso em: 15 jun. 2025.